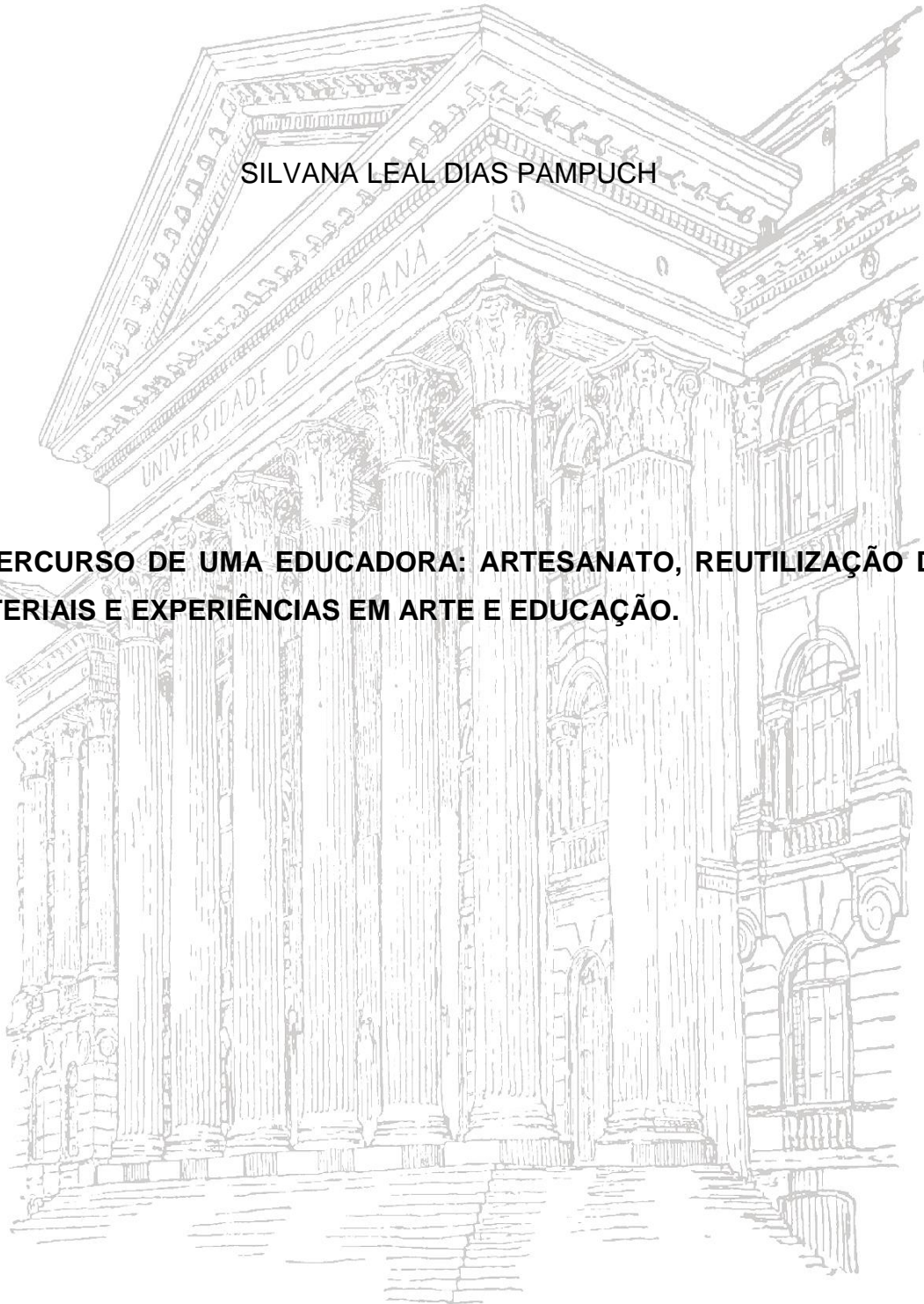


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL

SILVANA LEAL DIAS PAMPUCH

**O PERCURSO DE UMA EDUCADORA: ARTESANATO, REUTILIZAÇÃO DE
MATERIAIS E EXPERIÊNCIAS EM ARTE E EDUCAÇÃO.**



MATINHOS

2019

SILVANA LEAL DIAS PAMPUCH



O PERCURSO DE UMA EDUCADORA: ARTESANATO, REUTILIZAÇÃO DE MATERIAIS E EXPERIÊNCIAS EM ARTE E EDUCAÇÃO.

Memorial apresentado para a Conclusão do Curso de Licenciatura em Artes – turma 2016, da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral.

Orientadora: Professora Dra. Giselly Brasil

MATINHOS

2019

TERMO DE APROVAÇÃO

SILVANA LEAL DIAS PAMPUCH

MEMORIAL: O PERCURSO DE UMA EDUCADORA: ARTESANATO, REUTILIZAÇÃO DE MATERIAIS E EXPERIÊNCIAS EM ARTE E EDUCAÇÃO.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Artes da Universidade Federal do Paraná como requisito à obtenção do título de obtenção do grau de Arte Educadora, pela seguinte banca examinadora:

Professora Dra. Giselly Brasil

Orientadora - Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

Professora Dra. Luciana Ferreira

Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral.

Professora Dra. Lenir Maristela Silva

Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral.

MATINHOS

2019

AGRADECIMENTOS

À minha família que esteve ao meu lado nos momentos de alegria e desespero.

À minha orientadora, Professora Dra. Giselly Brasil, pelo acompanhamento, orientação, paciência e amizade.

As Professoras Doutoras Lenir Maristela Silva e Luciana Ferreira pela amizade, oportunidade e confiança em permitir que eu realizasse oficinas com estudantes e comunidades, estas que fizeram parte deste memorial.

Aos meus amigos que conquistei durante o curso e que estiveram sempre ao meu lado, choramos, mas principalmente demos muitas risadas.

Aos demais professores do curso de artes, que fizeram parte do meu processo de aprendizado.

Gratidão a todos vocês.

Artista que não seja ao mesmo tempo artesão, quero dizer, artista que não conheça perfeitamente os processos, as exigências, os segredos do material que vai mover, não é que não possa ser artista (psicologicamente pode), mas não pode fazer obras de arte dignas deste nome. Artista que não seja bom artesão, não é que não possa ser artista: simplesmente, ele não é artista bom. E desde que vá se tornando verdadeiramente artista, é porque concomitantemente está se tornando artesão.

Mário de Andrade

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Artes é um memorial da trajetória acadêmica da autora. O objetivo é relatar as principais experiências da educadora durante o curso de artes da UFPR. Serão apresentadas aqui as principais vivências da autora durante seu percurso acadêmico, em ICH's, estágios e projetos. O trabalho apresenta práticas de artesanato, a reutilização de materiais e a investigação de abordagens educativas em suas vivências como arte educadora em espaços de educação formal e não formal. Serão abordados aspectos do artesanato e da reutilização de materiais como práticas que dialogam com o universo de produção da arte contemporânea.

Palavras chave: Trajetória acadêmica. Arte. Educação. Artesanato. Reutilização de materiais.

ABSTRACT

This Final Degree Paper in Arts is a memorial of the author's academic trajectory. The objective is to report the main experiences of the educator during the arts course at UFPR. The author's main experiences will be presented here during her academic career, in ICH's, internships and projects. The work presents handicraft practices, the use of reusable materials and the investigation of educational approaches present in her experiences as an educator in formal and non-formal education spaces. Aspects of handicraft and materials reuse will be approached as practices that dialogue with the universe of contemporary art production.

Academic trajectory. Art. Education. Reusable Materials.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. PONTO DE PARTIDA	9
3. EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS	11
3.1 CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES	11
3.3 PIBID (PROJETO INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO AO BOLSISTA). 14	
3.4 EJA (EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS).....	18
3.5 CURSOS DE EXTENSÃO E PROJETOS	21
4. DIÁLOGOS E METODOLOGIAS	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

1. INTRODUÇÃO

O que pode ser potencializado em uma oficina ou aula de arte para crianças, jovens e adultos, tendo como horizonte o artesanato, a reutilização de materiais e a arte no contexto contemporâneo?

Este memorial tem como propósito apresentar a minha trajetória acadêmica como arte educadora e possibilitar uma reflexão sobre relações entre práticas de arte e artesanato.

O intuito é que este trabalho possa ajudar pesquisadores e educadores em seus processos de formação e na construção de práticas de arte e educação. Além disso, que possam ter acesso a esse material como suporte ou estímulo para a criação de percursos e diálogos educativos no campo das artes.

O artesanato está presente em minha trajetória desde a infância. Em 2014, fui convidada para ministrar aulas de artesanato na Casa de Cultura de Matinhos. Neste período a vontade de ser uma educadora surgiu. Foi então que em 2016 ingressei no Curso de Licenciatura em Artes da UFPR – Setor Litoral.

Desenvolvi ações educativas em diferentes contextos e espaços em meu processo de formação. Essas práticas foram fundamentais em minha trajetória como educadora que investiga o campo da arte a partir de referenciais como o artesanato, a reutilização de materiais e metodologias e procedimentos educativos de diferentes linguagens. A partir desse cruzamento de referenciais percebo relações entre as práticas educativas que proponho e procedimentos da arte contemporânea.

Neste trabalho irei apresentar as minhas experiências em diferentes espaços e no final trarei referenciais de artistas que dialogam com a minha abordagem metodológica e que produzem arte no contexto atual.

2. PONTO DE PARTIDA

Minha relação com o artesanato começou desde que era criança, na cidade de Curitiba, na qual eu nasci e fui criada. Quando tinha sete anos havia no bairro em que eu morava uma escola de freiras. Neste local as freiras

ensinavam para a comunidade tricô, crochê e bordado. Foi onde tive minhas primeiras experiências com o artesanato.

No mesmo período comecei a desenhar. Fazia coleção de papéis de carta e usava suas ilustrações como referência para os meus desenhos.

Quando cheguei na fase adulta não deixei de lado minhas habilidades artísticas, e para aprimorá-las fui conhecer e aprender a partir de cursos, a “arte hippie”, bijuterias finas, bordado em chinelos, técnicas com pedrarias, peças em feltro e tecido, técnicas em pintura, entre outros.

Em 1999, estabeleci residência na cidade de Matinhos, litoral do Paraná. Com a falta de emprego, e como já tinha habilidade e conhecimento de várias técnicas de artesanato, comecei a produzir peças de bijuterias. Em 2003, montei um estabelecimento comercial no qual eu vendia uma grande variedades de peças artesanais. Neste local eu também ofertava cursos de artesanato. Durante o verão, quando a cidade encontra-se com maior número de pessoas por conta da alta temporada, eu fazia Tatuagens de Henna¹. Foi neste momento que retornei ao desenho. Trabalhei no comércio com a venda de artesanato durante 14 anos.

A partir de 2014, um ano depois de fechar a loja, comecei a participar de vários cursos oferecidos na Casa de Cultura de Matinhos. E fui convidada pelo diretor do Departamento de Cultura para ministrar aulas de artesanato como voluntária (Fig.1). A partir destas vivencias percebi a importância do ato de compartilhar conhecimento com as outras pessoas, em um espaço parecido com uma sala de aula. Minhas alunas do curso de bordados em chinelos, me incentivaram com a ideia de me tornar uma professora com diploma.

Somente em 2015 tive a oportunidade de me inscrever no vestibular da UFPR – Setor Litoral, no curso de Licenciatura em artes. Em 2016 ingressei no curso. Ao mesmo tempo continuei atuando como voluntária na Casa de Cultura até o segundo semestre de 2016.

¹ As tatuagens temporárias com henna são usadas tradicionalmente nos países islâmicos ou orientais para tingir o cabelo, as unhas e a pele e tem-se tornado, nos últimos anos, uma prática frequente em estâncias de férias, onde se tem tornado uma prática comum pela ausência de risco infeccioso, aplicação indolor e limitada e baixo custo. (Rev. Port. Imunoalergologia, Lisboa, v. 22, n. 3, p. 227-229, set. 2014).

FIGURA 1 – CURSOS NA CASA DE CULTURA DE MATINHOS – PR, 2014.



FONTE: CANETTI, 2014.

3. EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS

3.1 CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES

Em 2016 ingressei no Curso de Licenciatura em Artes da UFPR - Setor Litoral. O fato de ter trabalhado com artesanato, e de ter ministrado cursos por muito tempo em Matinhos me despertou o interesse pelo curso de artes da UFPR.

Na preparação como docentes o curso proporciona a experiência em quatro linguagens (Artes Visuais, Música, Teatro e Dança)².

O curso de Licenciatura em Artes deseja formar o profissional que integre a produção, a pesquisa, e a crítica ao ensino das artes. Têm como objetivo o desenvolvimento da percepção, da reflexão e do potencial criativo, assim como, a apropriação do pensamento ético e reflexivo, da sensibilidade artística, da utilização de técnicas, e da sensibilidade estética comprometida com a construção do conhecimento. (PPC de Licenciatura em Artes, 2015, p.14).

Durante os estágios obrigatórios do curso - que têm o objetivo de aprimorar a formação do docente – como educadora consegui, de forma lúdica,

² O novo PPC do Curso, que entrará em vigor em 2020, propõe uma superação da divisão das quatro linguagens e prevê uma orientação mais investigativa a partir de eixos como: corpo e movimento; performance e poéticas da cena; sonoridades e artes visuais.

relacionar uma linguagem específica a outras linguagens da arte, em sala de aula, com os educandos. Resgatando em alguns momentos elementos do artesanato, com a reutilização de materiais para as aulas práticas.

Um destes momentos aconteceu no estágio obrigatório artes visuais, no qual os estudantes reutilizaram revistas para criações livres a partir da obra “Abaporu” de Tarsila do Amaral. Na elaboração dessas aulas utilizei como meio a proposta triangular: conhecer arte; produzir arte; fruir arte de Ana Mae Barbosa onde se define como: “uma proposta para conhecer a linguagem das artes plásticas, para ver, para conhecer por meio da imagem” (BARBOSA apud VIEIRA, 1993, p. 4).

O segundo estágio, em dança, utilizei o barbante - objeto utilizado no artesanato para a confecção de tapetes - como elemento de apoio para a prática de movimento. Realizei dinâmicas fora da sala de aula utilizando o barbante como recurso para que os estudantes percebessem como funciona os fatores de movimento³, componentes de estudo do bailarino e coreógrafo Rudolf Laban. Para Laban, “a habilidade de observar e compreender o movimento é como um dom, mas, como na música, também é uma habilidade que pode ser adquirida e aperfeiçoada por meio de exercícios” (LABAN, 1978, p.154).

No estágio de música trabalhei a paisagem sonora “aqueles sons que são importantes por causa de sua individualidade, quantidade ou preponderância” (Schafer, 1997, p. 26). Inseri objetos do artesanato para compor uma orquestra de “cacarecos”⁴ - estes são considerados objetos sem uso, mas nas mãos de um artesão são de grande serventia – utilizei os materiais como instrumentos musicais para que os educandos, percebessem as possibilidades de sons que um objeto, até então “insignificante”, poderia produzir. Schafer cita, “sempre achei que a educação pública é a mais importante aspecto do nosso trabalho. Em primeiro lugar, precisamos ensinar as pessoas como ouvir mais cuidadosamente e criticamente a paisagem sonora” (SCHAFER,1997 p.12).

O último estágio obrigatório do curso foi o de teatro, neste trabalhei com contação de histórias, como finalização das aulas os estudantes produziram

³ Fatores de movimento são componentes que foram identificados por Laban como FLUÊNCIA, ESPAÇO, PESO e TEMPO, ao observar as atitudes corporais na experiência com o movimento” (RENGEL, 2003 p. 63).

⁴ Cacarecos. Substantivo masculino plural Coisas velhas sem uso, serventia; amontoado de objetos

fantoches dos personagens de uma das histórias contadas em sala, estes fantoches foram feitos com a reutilização de caixas de leite, lãs, papéis, E.V.A e tecidos. Por fim, estes fantoches fizeram parte de uma exposição sobre reciclagem realizada na Escola Municipal Luiz Carlos dos Santos, no qual realizei o estágio.

As intervenções artísticas - utilizando materiais reutilizáveis - realizadas nas escolas desconstruem o conceito das aulas de artes como práticas pautadas apenas no papel, no lápis e na tinta. É ressaltada uma perspectiva contemporânea da ação artística, na qual o educador, de forma lúdica, pode utilizar diferentes recursos, materiais e linguagens em suas aulas, neste contexto de educação formal.

3.2 PARTICIPAÇÃO EM PROJETOS

A partir de 2016, após o ingresso no curso de Licenciatura em Artes, todos os projetos que participei foram oferecidos por esta instituição, na cidade de Matinhos/PR.

No segundo semestre de 2016 iniciei no projeto PIBID⁵ (Projeto Institucional de Iniciação ao Bolsista), com estudantes do ensino fundamental 1, no Complexo Educacional Francisco do Santos Junior.

No primeiro semestre de 2017, a convite da Prof.^a Dr. ^a Luciana Ferreira, comecei a experimentar as oficinas de artesanato pelo PIBID, com crianças de 8º e 9º anos no contraturno do Colégio Estadual Prof.^a Tereza da Silva Ramos.

No segundo semestre de 2017 participei do MATICH (Interações Cultural Humanística em Matinhos) com adultos da EJA⁶ (Educação de Jovens e

⁵ PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência é uma ação do governo federal e tem a finalidade de apoiar a formação de estudantes dos cursos de licenciatura e contribuir para elevar a qualidade da educação básica nas escolas públicas. O programa está estruturado em subprojetos definidos por área de conhecimento e coordenados por um professor dos cursos de licenciatura participantes. Sua execução envolve alunos de licenciatura, professores da UFPR e da rede pública de educação. (Fonte: <http://www.prograd.ufpr.br/portal/coafe/uaf/pibid/>)

⁶ EJA - A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino criada pelo Governo Federal que perpassa todos os níveis da Educação Básica do país, destinada aos jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso à educação convencional na idade apropriada. Permite que o aluno retome os estudos e os conclua em menos tempo e, dessa forma, possibilitando sua qualificação para conseguir melhores oportunidades no mercado de trabalho. A EJA é ofertada tanto no ensino presencial, como à distância (EAD), com o objetivo principal de democratizar o ensino da rede pública no Brasil. (Educa Brasil)

Adultos) também no Colégio Estadual Prof.^a Tereza da Silva Ramos no período da noite, e ministrei no segundo semestre de 2018 o ICH⁷ “Artesanato para adolescentes” na Associação da Vila Nova Caiobá”, estes dois últimos com a Professora Educadora Dr.^a Lenir Maristela Silva.

No período de 01/07/2017 a 31/10/2017, pelo LabMovel (Programa Laboratório Móvel de Educação Científica), frequentei o curso de extensão “Curso de Ilustração científica - Princípios e práticas na ilustração Botânica” no qual aprimorei minhas técnicas de ilustração. Participei do Projeto de Educação Ambiental Emilie Snethlage como ilustradora de aves, e em 2018 fui ilustradora do livro “As Aventuras de Horácio”. Ainda em 2018 participei do projeto “Conhecendo e Vivenciando as Artes Visuais” no qual trabalhei, em algumas aulas, com a ilustração botânica e reutilização de materiais como o tema das práticas.

3.3 PIBID (Projeto Institucional de Iniciação ao Bolsista)

No primeiro ano da faculdade ingressei no PIBID, como arte educadora, em uma turma do 3º ano ensino fundamental, no Complexo Educacional Escola Municipal Francisco dos Santos Jr, no município de Matinhos. O objetivo do projeto era aprofundar e divulgar a arte e a cultura produzida e vivida no litoral do Paraná, através das linguagens artísticas.

Neste projeto tive a experiência de trabalhar com teatro e contação de histórias utilizando como tema para as aulas as lendas do litoral paranaense. Trabalhamos com a criação de bonecos para a apresentação de uma peça (Fig.2).

Para a confecção dos bonecos e do cenário, reutilizamos caixas de leite, sobras de EVA, conchas, vários tipos de papéis, entre outros materiais reutilizáveis e da cultura popular. Os educandos a partir desta metodologia que

⁷ ICH são atividades que promovem a interação vertical (estudantes em fases diferentes dos cursos) e horizontal (estudantes de cursos diferentes no mesmo espaço). Nessas Interações, construídas simétrica e dialogicamente entre estudantes, comunidades e servidores, são valorizados os diferentes saberes e lugares culturais que compõem a vida social. Os saberes são problematizados, fortalecendo compromissos éticos e políticos, visando à vivência e o adensamento de relações autogestionárias.” (Site UFPR – Setor Litoral).

combina as linguagens de literatura e teatro, conseguiram compreender de forma lúdica como as lendas são inseridas na cultura popular e como podemos, de forma consciente, reutilizar matérias que poderiam prejudicar o meio ambiente. Este projeto, a partir de inúmeras experiências, ligadas ao ensino/aprendizagem das práticas e teorias da arte, aprimorou meu desenvolvimento na docência e como arte educadora.

FIGURA 2 – PIBID – COMPLEXO EDUCACIONAL ESCOLA MUNICIPAL FRANCISCO DOS SANTOS JR – MATINHOS – PR, 2016.



FONTE: A AUTORA; TAVARES, 2016.

No primeiro semestre de 2017, a convite da Prof.^a Dr.^a Luciana Ferreira, iniciei as oficinas de artesanato pelo PIBID, com estudantes de 8º e 9º anos no contraturno do Colégio Estadual Prof.^a Tereza da Silva Ramos. (Fig.3)

Para realizar as oficinas do PIBID foi necessário pensar em propostas que pudessem interessar os adolescentes, afinal, as oficinas não eram obrigatórias. Partindo do pressuposto de que uma proposta juvenil e atual ajudaria no início do processo, foi apresentado aos estudantes o “Filtro dos Sonhos”. Neste encontro, os estudantes conheceram a história e confeccionaram um “Filtro dos Sonhos”, concomitantemente, descobriram a existência de indígenas no litoral

do Paraná. Como metodologia das oficinas sempre era realizada uma introdução sobre o assunto do dia, relacionado a atividade proposta. Durante o processo prático, as dúvidas eram esclarecidas, acompanhando o desenvolvimento da atividade artística. Ao término da confecção das peças, houve um debate sobre a experiência, ressaltando aspectos como as dificuldades e soluções encontradas durante a realização das técnicas.

Em algumas oficinas trabalhamos educação ambiental com a reutilização de materiais. O objetivo era trabalhar a conscientização ambiental com os estudantes a partir de leitura do texto “Você sabe qual a diferença entre reciclar e reutilizar?”⁸. Nas oficinas de reutilização de materiais os estudantes confeccionaram cadernos customizados experimentando a utilização de roupas e objetos de armarinhos para a decoração dos cadernos. A maioria nunca havia sequer cortado um tecido ou encapado um caderno. Descobri que também alguns nem sabiam como usar uma agulha de costura. Mas, considerando que somos socioculturais e que o educar é um processo flexível, criamos um espaço para que os estudantes pudessem aprender a utilizar a agulha de costura.

O humano é um ser a um só tempo plenamente biológico e plenamente cultural, que traz em si a unidialidade originária.” ... “O homem é, portanto, um ser plenamente biológico, mas não dispusesse plenamente da cultura, seria um primata do mais baixo nível. A cultura acumula em si o que é de conservado, transmitido, aprendido, e comporta normas e princípios de aquisição. (MORIN, 2001, p.52).

Nesta oficina foi proposta também a reutilização de garrafas pets para a confecção de um “porta treco” e “casas para passarinhos” – na qual eles pudessem se proteger e fazer seus ninhos. Para a confecção destas casas os estudantes aprenderam a fazer cola artesanal, papietagem⁹, conheceram o círculo cromático, como ele funciona e a relação da mistura das cores e sombras. Eles aprenderam como fazer tintas com cola branca e pigmento pensando em como transformar o “lixo” em objeto de decoração.

Ainda dentro do contexto da reutilização, mas agora incorporando a cultura popular do litoral do Paraná – utilizando como exemplo artesanatos da Casa de Cultura de Matinhos - os estudantes confeccionaram “telhas” decoradas

⁸ Site A Tera Ambiental.

⁹ Papietagem - Técnica manual feita com papéis rasgados em tiras colados sobre um molde, até que tome o formato desejado.

com filtro de café e conchas. Estas “telhas” são rolos cilíndricos de papelão, descartados por lojas de materiais de construção. Estes rolos são cortados ao meio e em pedaços de 15cm, depois reutilizados para a elaboração dos objetos de decoração. Eles conheceram, a partir de fotos a Casa de Cultura de Matinhos, o local que tem maior concentração de conchas na cidade - este onde os artesãos locais recolhem seu material para realização de seus trabalhos.

Como conclusão do processo das oficinas do PIBID, junto com os estudantes, decidimos fazer uma placa com o nome do colégio utilizando pregos e fios. Com a ajuda da professora Luciana Ferreira adquiri uma placa de MDF 1.20m X 1.20m, pregos e barbantes com as cores do colégio. No início dessa oficina trouxe a história da Professora Tereza da Silva Ramos. Os estudantes ficaram tão interessados pela história, que fala sobre a cidade de Matinhos e as escolas que existiam na época, que acabamos ficando a maior parte da aula estudando sobre o assunto. Foi um trabalho em equipe, os estudantes ficaram felizes com o resultado e com o incentivo do colégio em expor a placa na entrada da escola.

A aprendizagem não é em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se em aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não naturais, mas formadas historicamente. (VYGOTSKY, 2010, p.115).

Os estudantes conheceram e compreenderam educação ambiental, o artesanato e a cultura do litoral paranaense, a partir das oficinas realizadas no colégio - a partir do programa PIBID, e aprenderam a compartilhar materiais e experiências.

Eu, como docente, aprendi a provocar a sensibilidade e o olhar crítico sobre os processos e as peças confeccionadas. Além disso, consegui identificar que mesmo no ensino formal o artesanato pode ser utilizado como metodologia de aprendizagem bastante mobilizadora.

A experiência acima se transformou em um projeto que foi apresentado na conclusão do meu PA¹⁰ (Projeto de Aprendizagem), com o tema “ARTESANATO NA ESCOLA – Conhecer, criar e usufruir da arte a partir do Artesanato”.

FIGURA 3 – PROJETO PIBID DE ARTESANATO CONTRATURNO COLÉGIO Prof.^a TEREZA DA SILVA RAMOS – MATINHOS – PR, 2017.



FONTE: A AUTORA; GARCIA, 2017.

3.4 EJA (Educação para Jovens e Adultos)

No segundo semestre de 2017 participei do MATICH (Interações Cultural Humanística em Matinhos), proposto pela Educadora Lenir Maristela Silva. Esta proposta fez parte do ICH (Interação Cultural Humanística) que a Educadora Lenir propôs para que os discentes da UFPR – Setor Litoral propusessem oficinas variadas para os estudantes do EJA (Educação para Jovens e Adultos), do Colégio Estadual Prof.^a Tereza da Silva Ramos em Matinhos/PR. Neste projeto, realizei duas oficinas, a primeira de decoração com a reutilização do filtro de café e garrafas de vidro vazias (FIG.4); a segunda de confecção de peças decorativas com feltro. (Fig. 5)

A primeira oficina foi realizada com 30 alunos, estes levaram as garrafas que eu havia solicitado. Os filtros de café preparados para a atividade eu levei

¹⁰ PA - Projetos de aprendizagem permitem que os indivíduos construam o seu conhecimento de maneira integrada, percebendo criticamente a realidade. O estudante alia o aprofundamento metodológico e científico à preparação para o exercício profissional, desenvolvendo habilidades de auto-organização e produtividade. (Site UFPR – Setor Litoral).

de casa e o restante dos materiais como pincéis, copos e a cola branca, o colégio cedeu. Antes de iniciar a oficina a sala foi separada em grupos de seis pessoas, fazendo ilhas com as carteiras, isso facilita a distribuição do material que será compartilhado entre os estudantes e no auxílio individual durante a atividade. Iniciei a oficina explicando detalhadamente o processo de como reutilizar o filtro de café após usado. Em seguida distribuí os materiais para os estudantes e expliquei o método da papietagem para a fabricação da peça.

Ao circular entre as carteiras percebi que um dos estudantes apresentava limitação motora em uma das mãos e eu não havia sido informada sobre a situação. Ele não estava conseguindo passar o pincel na cola porque ela estava dentro de um copo, o que dificultava o seu alcance e, conseqüentemente, ele não conseguia colar o filtro de café na garrafa. Imediatamente, providenciei um prato, despejei a cola no mesmo e solicitei que ele tentasse molhar o papel do filtro de café e colasse na garrafa. Inicialmente, ele resistiu um pouco porque não estava confortável, mas em seguida conseguiu realizar a ação. Como educadora, tive uma experiência singular no âmbito escolar sobre como agir com um estudante especial.

A segunda oficina foi em conjunto com uma colega e estudante do curso de artes. Oferecemos, para os estudantes da EJA, a experiência de como produzir peças feitas de feltro, como por exemplo bichos para móveis. O fato que mais chamou a atenção nessa oficina foi uma aluna grávida, que já estava no final da gestação e que ainda não havia comprado suas lembranças de maternidade porque não tinha condições financeiras para isso. Na oficina ela aprendeu as técnicas de corte e costura do feltro, e finalizou a primeira peça que seria sua lembrança de maternidade.

Nessas experiências com os estudantes, relacionando a arte e o artesanato, percebo como o conhecimento não é somente transmitido do educador ao educando, mas produzido no diálogo e nas relações que são geradas nos encontros.

Paulo Freire destaca a importância da valorização do saber dos alunos, de suas experiências vividas e diz que na relação da prática educativa não só o educador, mas o educando, ensina. Assim, considera-se a trajetória de vida dos educandos na elaboração dos procedimentos das aulas, que se tornam assim

flexíveis.

A primeira constatação que faço é a de que toda prática educativa implica sempre na existência de sujeitos, aquele ou aquela que ensina e aprende e aquele ou aquela que, em situação de aprendiz, ensina também, a existência do objeto a ser ensinado e aprendido – a ser reconhecido e conhecido – o conteúdo, afinal. (FREIRE, 1992, p.109).

Romão (2006) cita a proposta pedagógica freiriana, o educador como um animador cultural que cria condições para a aprendizagem dos seus educandos, desafiando-os na descoberta dos temas e desse modo, de novas palavras geradoras.

FIGURA 4 – OFICINA DE REUTILIZAÇÃO DE GARRAFAS E FILTRO DE CAFÉ – MATINHOS – PR, 2017.



FONTE: SILVA, 2017.

FIGURA 5 - OFICINA DE PEÇAS EM FELTRO – MATINHOS – PR, 2017.



FONTE: SILVA, 2017.

3.5 CURSOS DE EXTENSÃO E PROJETOS

No segundo semestre de 2017 fui selecionada para o "Curso de Ilustração científica - Princípios e práticas na ilustração Botânica" um curso de extensão oferecido pelo LabMovel (Programa Laboratório Móvel de Educação Científica), no qual aprimorei durante 4 meses as técnicas de ilustração com as Professoras e Ilustradoras Diana Carneiro e Fatima Zagonel sócio fundadoras do CIBP¹¹ (Centro de Ilustração Botânica do Paraná). O objetivo específico do curso foi ensinar os conteúdos básicos da ilustração botânica como: conteúdos básicos do desenho incluindo esboços, exercícios técnicos sobre misturas e combinações fundamentais, técnicas de aquarela, pintura de flores e frutos de diferentes cores. (FIG. 7.1).

O objetivo geral era pesquisar e ilustrar plantas específicas do Parque Nacional do Rio da Onça, localizado no município de Matinhos/PR, com a possibilidade de publicar um livro educativo sobre as plantas do parque.

A ilustração botânica consiste na arte de representar uma planta com a maior fidelidade possível (formas e texturas), garantindo perfeito

¹¹CIBP é uma associação de artistas que desde 1995 se dedicam à Arte Botânica, estimulados pela ideia de contribuir para o registro da flora brasileira e continuidade da obra de Margaret Mee. – Disponível em: <http://www.cibp.com.br/>

reconhecimento e possibilitando a identificação do vegetal. Através de aprimoramento técnico e artístico, o ilustrador capta todas as características formais do vegetal, traduzindo-as num trabalho expressivo, capaz de sensibilizar o observador. (CIBP)

O Curso de Ilustração científica - Princípios e práticas na ilustração Botânica pude aprimorar meus processo e técnicas de ilustração.

Entre agosto de 2017 e dezembro de 2018, participei do Projeto de Educação Ambiental Emilie Snethlage na produção de materiais didáticos sobre aves capturadas ilegalmente no Litoral do Paraná. Durante este período produzi ilustrações de várias espécies de aves, incluindo os itens alimentares destas espécies, (FIG. 7.2). Neste projeto tive a oportunidade de pesquisar e conhecer detalhadamente as aves do Litoral do Paraná e, concomitantemente, aprofundar as técnicas em desenho.

Ainda em 2018, uma aluna do curso de mestrado em Desenvolvimento Sustentável Territorial da UFPR escreveu, em parceria com um colega, uma história que fazia parte da sua apresentação e defesa de mestrado. Por meio de contatos dentro da instituição, a estudante soube sobre meus trabalhos ilustrativos, entrou em contato e me convidou para ilustrar a história “A Aventura de Horácio” - este publicado pela UFPR, (FIG. 7.3). A participação neste projeto foi muito gratificante, no qual, pela primeira vez tive a oportunidade de criar personagens, sendo que, até então só ilustrava a partir da observação.

Neste mesmo período, atuei como bolsista do projeto “Conhecendo e Vivenciando as Artes Visuais” com crianças de 04 a 12 anos. O objetivo do projeto era que os estudantes explorassem sua criatividade através das artes visuais, de modo a perceber maneiras de como criar trabalhos de arte. O projeto me ajudou a fomentar de como devo agir e produzir as aulas em sala com os estudantes. O projeto agrega a criatividade no uso de várias linguagens, sendo assim, enriquecendo de forma positiva no meu aprendizado como futura arte educadora.

Durante minha participação no projeto, em algumas aulas, utilizei como meio metodológico a ilustração e técnicas de pintura como tema para as práticas. Nas aulas de ilustração os estudantes realizaram desenhos de observação de objetos dentro da sala de aula e de botânica fora da sala de aula. Os estudantes realizaram trabalhos com objetos naturais como folhas, galhos,

flores, grama, corpo e materiais reutilizáveis como barbantes, tecidos, palitos de sorvete, canudos, copos plásticos, entre outros, para criação de registros abstratos no papel. No final do semestre de 2018 realizamos uma exposição. Para a exposição de umas das propostas que os estudantes realizaram com tinta e barbante, fiz uma instalação para prender os trabalhos, correlacionando o tema. (FIG. 8)

Todos os projetos que participei, durante minha vivência acadêmica, foram oferecidos pela UFPR – Setor Litoral. Os cursos e projetos fomentaram as minhas práticas artísticas na educação formal e não formal. Atualmente, reconheço os materiais do artesanato - barbantes, linhas, agulhas, etc. - como referências presentes em minhas práticas de arte e educação. As experiências com os projetos me fizeram pensar sobre as possibilidades de relação entre linguagens, elementos, suportes, estímulos e temas na elaboração das minhas práticas e ações educativas.

FIGURA 7 –1) ILUSTRAÇÃO CIENTÍFICA BOTÂNICA; 2) ILUSTRAÇÃO DE AVES; 3) LIVRO “A AVENTURA DE HORÁCIO”.



FONTE: A AUTORA, 2017/2018.

FIGURA 8 – PROJETO CONHECENDO E VIVENCIANDO AS ARTES VISUAIS – MATINHOS – PR, 2017/2018.



FONTE: A AUTORA, 2017/2018.

3.6 ICH - ARTESANATO PARA ADOLESCENTES

No primeiro semestre de 2018 a convite da Educadora Lenir Maristela Silva, ministrei o ICH – Artesanato para Adolescentes. Este ICH foi proposto com o objetivo de retirar crianças, jovens e adultos das ruas, utilizando como instrumento as oficinas de artesanato. Ele foi realizado na Associação da Vila Nova Caiobá, no bairro do Tabuleiro, na cidade de Matinhos/PR.

Iniciamos as atividades a partir do conhecimento do espaço e das pessoas da comunidade que iriam participar das oficinas. Partimos do pressuposto de que poderíamos realizar no final do semestre uma feira com as peças que fossem produzidas durante as oficinas, e assim arrecadar verba para ajudar a Associação.

A faixa etária dos participantes das oficinas era de 8 a 80 anos. O grupo realizava as atividades no mesmo horário e espaço. Pensando na metodologia de Freire (2011), no qual o educador nos apresenta o Círculo de Cultura como possibilidade de transformação e no qual o professor não é o detentor do conhecimento, mas sim aquele que participa estimulando outros participantes na troca de saberes por meio de diálogos. Dentro deste contexto, podemos afirmar que a metodologia Círculos de Cultura estimula a criatividade, a reflexão, a crítica, a coletividade, os diálogos, o respeito ao outro e as trocas culturais e transformadoras da própria cultura.

Entre os participantes da oficina havia um rapaz de 17 anos diagnosticado com paralisia cerebral, porém suas limitações cognitivas e motoras não o impossibilitavam de participar e realizar as práticas propostas nas oficinas de artesanato. Sua maior dificuldade era manusear tesouras e colocar a linha na agulha, mas como nas ICHs há participantes de outros cursos de graduação, solicitei que uma das estudantes de serviço social auxiliasse o rapaz durante estas atividades. Com muita perseverança o rapaz melhorou sua motricidade e atenção na hora de produzir as suas peças.

A situação das crianças da comunidade é preocupante, muitos pais e/ou responsáveis são usuários de drogas e chegam a pegar comida das lixeiras para alimentar seus filhos. O trabalho da Associação da Vila Nova Caiobá é fundamental para que essas crianças não fiquem nas ruas ou até mesmo acompanhando os pais na procura de drogas. Dentro da associação elas encontram alimentação, atividades artísticas e culturais, e acima de tudo atenção e carinho das pessoas que participam e utilizam o espaço.

O fluxo dos participantes é descontínuo, nem todas as crianças podem participar de todos os encontros porque as escolas municipais oferecem reforço escolar no contraturno para os estudantes. Já os adultos e adolescentes são em menor número, a maioria é estudante da UFPR – Setor Litoral, que escolheu essa ICH para aprender as técnicas do artesanato, mas também me auxiliaram na condução das oficinas junto à comunidade.

Certo dia apareceu na associação um senhor que reside no bairro Tabuleiro que ficou sabendo das oficinas e se ofereceu para ensinar a técnica do seu artesanato – que são peças para decoração com canudos de revistas.

Convidamos o para oferecer aulas junto conosco. Durante os três meses de oficinas trabalhamos a arte do artesanato com fuxicos¹², papietagem com filtro de café em garrafas, decoração com a reutilização de revistas, acessórios para cabelos e bijuterias. As peças produzidas nesse período foram separadas para serem expostas e vendidas na feira.

No dia que foi realizada a feira da Associação da Vila Nova Caiobá, havia 10 expositores, sendo todos da comunidade, tínhamos barracas de artesanato, roupas, alimentos, e no palco atrações artísticas. Toda a renda arrecadada durante a feira foi destinada à Associação. Os educadores da pós-graduação ANE¹³ da UFPR – Setor Litoral, participaram levando as atrações artísticas, entre elas apresentações de dança e música. Outros colaboradores também levaram atrações, tivemos apresentação de capoeira, tecido acrobático e a uma apresentação de dança africana dos alunos da escola municipal Wallace Tadeu de Melo.

Nossa feira foi um sucesso, a partir dela a Associação e a UFPR – Setor Litoral teve uma repercussão positiva na comunidade e com isso a procura de pessoas interessadas em realizar projetos e de moradores em participar da Associação aumentou significativamente.

¹² Fuxicos é uma técnica artesanal que consiste em trouxinhas de panos, feitas costurando círculos recortados com restos de tecido.

¹³ ANE – Alternativas para uma Nova Educação – Pós-graduação da UFPR – Setor Litoral

FIGURA 6 - PRODUÇÃO DE PEÇAS ARTESANAIS DA COMUNIDADE NA ASSOCIAÇÃO DA VILA NOVA CAIOBÁ – MATINHOS – PR, 2018.



FONTE: A AUTORA, 2018.

FIGURA 7 – PEÇAS ARTESANAIS PRONTAS E A FEIRA DA ASSOCIAÇÃO DA VILA NOVA CAIOBÁ – MATINHOS – PR, 2018.



FONTE: SILVA, 2018.

4. DIÁLOGOS E METODOLOGIAS

Apresento, a seguir, pontos de contato entre práticas de artistas contemporâneas e metodologias que venho pesquisando em minhas ações educativas.

Como criar um diálogo entre o cenário atual de produção de arte com as propostas que venho desenvolvendo?

Neste ponto, é possível citar artistas, no contexto da arte contemporânea, que trabalham com a reutilização de materiais e dialogam com minhas práticas e ações educativas.

Efigênia Rolin (FIG. 8), por exemplo, é uma personagem ícone de Curitiba, artista popular, escultora, poeta, contadora de histórias e estilista. Reconhecida como a “Rainha do Papel”, por utilizar principalmente papel de bala nas suas esculturas, fez diversas exposições pelo Brasil (FIG. 9). É a partir de tubos de plástico, papéis de bala, borracha, restos de couro e tecidos que Efigênia cria seus personagens.

FIG.8 – ARTISTA EFIGÊNIA ROLIN.



FONTE: CONEXÃO PLANETA¹⁴

¹⁴ FONTE: CONEXÃO PLANETA - <http://conexaoplaneta.com.br/blog/efigenia-rolim-a-rainha-do-papel-de-bala-esta-precisando-de-ajuda/>. Acesso em março/2019

FIG.9 - OBRAS DA ARTISTA EFIGÊNIA ROLIN.



FONTE: CONEXÃO PLANETA.

Esta artista me inspira principalmente na linguagem teatral, no qual reutilizo materiais para construção de fantoches para contação de histórias (FIG. 10).

FIG.10 – FANTOCHES PRODUZIDOS PELOS ESTUDANTES NO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO DE TEATRO– ESCOLA MUNICIPAL LUIZ CARLOS DOS SANTOS – MATINHOS –PR, 2019.



FONTE: A AUTORA, 2019.

Em 2018 conheci através de pesquisas para o um módulo do curso de licenciatura em artes, a artista japonesa Chiharu Shiota (FIG.11). Esta artista contemporânea trabalha frequentemente com grandes instalações, criando uma

espécie de teia gigante, nas quais utiliza linhas (barbantes) e objetos como janelas, camas, sapatos velhos que são empilhados e/ou amarrados e pendurados no espaço expositivo (FIG.12). Suas obras têm como objetivo estimular o público a refletir sobre a relação entre os objetos, as possíveis conexões entre eles.

FIG. 11 – ARTISTA CHIHARU SHIOTA.



FONTE: SETZPFANDT, 2017.

FIG.12 - OBRA LETTERS OF THANKS - ARTISTA CHIHARU SHIOTA, 2014.



FONTE: FILMMAKERS, 2014.

As obras de Shiota serviram de inspiração para algumas das minhas experiências como arte educadora nas quais utilizei os fios/barbantes como elemento de apoio e estímulo para práticas e instalações. No PIBID em 2017

para a criação da placa do Colégio Professora Tereza da Silva Ramos, no estágio de dança para realização das práticas de movimento (FIG. 13), e no Projeto Conhecendo e Vivenciando as Artes Visuais, no qual as crianças participantes do projeto produziram obras com barbante e tinta - e para exposição das mesmas montei uma instalação com barbantes.

FIG 13 – ESTÁGIO DE DANÇA, COLÉGIO ESTADUAL SERTÃOZINHO- MATINHOS – PR, 2018.



FONTE: A AUTORA, 2018.

Tenho o projeto de finalizar meu curso de Licenciatura em Artes com uma instalação interativa com fios, que irá se chamar “O que nos conecta?”, inspirada nas obras da artista contemporânea Chiharu Shiota, este projeto será realizado com mais dois colegas que participarão da execução e performance do projeto. A instalação será exposta em um sarau de finalização do módulo de Seminário de Práticas Interpretativas. A ideia da instalação interativa proporciona aos espectadores uma imersão na experimentação estética. O campo do sensível é acessado ao aliar obra e materiais para intervenção.

Ocorrendo uma conexão entre os proponentes e os espectadores através da experiência estética (DEWEY, 2010).

Artistas como Efigênia Rolin, Chiharu Shiota entre outros e outras não citados aqui, e que fazem do cenário atual de produção de arte, possibilitam um diálogo sobre arte, artesanato, materiais para a produção e a arte como produção de conhecimento. Sendo assim, percebo como arte educadora que tenho a possibilidade de aproximar artesanato e arte contemporânea, como forma de ações educativas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atuando como arte educadora e percebendo a realidade das escolas - relacionada a falta de recursos de materiais – emprego meu conhecimento do artesanato, especialmente a reutilização de materiais, como possibilidade de abordagem metodológica para a elaboração das minhas aulas. O que para muitas pessoas é lixo, para mim é matéria prima para a criação em arte.

Direciono a reutilização de materiais, que é comum em prática de artesanato, como ferramenta para ações educativas no campo da arte e educação. Entre os materiais que mais reutilizo estão: garrafas pet, garrafas de vidro, filtro de café, sobras de tecidos e pedrarias, caixas de leite, final dos rolos de papel higiênico e papel toalha, barbante (linhas em geral), sobras de isopor, latas, embalagens, revistas, jornais, chaves, cds, entre outros. Além da possibilidade de usar tintas naturais.

Nas oficinas do PIBID no Colégio Estadual Professora Tereza da Silva Ramos e no ICH realizado na Associação da Vila Nova Caiobá, foram os momentos que tive mais liberdade em trabalhar com o artesanato e a reutilização de materiais. Estes encontros proporcionaram para todos os participantes a oportunidade de se conhecerem melhor e trocar conhecimentos, pois eram encontros em que haviam pessoas de várias faixas etárias. Na educação não formal as possibilidades de ação parecem se ampliar ainda mais, já que o tempo de escuta e relação tende a ser maior e os grupos mais heterogêneos.

Analisando as experiências durante meu percurso acadêmico em espaços formais e não formais, pensando de forma lúdica em como aplicar as aulas, percebi que a reutilização de materiais como metodologia conscientiza e

sensibiliza o olhar dos sujeitos para a conservação do meio ambiente e, ao mesmo tempo, amplia o repertório de materiais disponíveis nas instituições para a criação de ações educativas.

Os educandos experimentaram o artesanato em diferentes contextos e vinculados a práticas e metodologias que compõem campos de conhecimento em linguagens como teatro, dança, música e artes visuais. O artesanato e seus elementos aparecem, em minhas experiências, como disparadores de práticas de arte e educação que se apropriam de elementos vinculados à cultura e à produção de um povo.

Considerando a trajetória aqui apresentada, concluo que os processos educativos em arte são propostas de criação que auxiliam os estudantes em seus percursos investigativos. “Explorar o universo da mente criadora do artista que, imerso na perseguição de ideias, experimenta materiais e instrumentos para expressar suas visões de mundo.” (FERRARI, 2012, p.23).

Nas experiências pedagógicas que desenvolvi as abordagens e os referenciais teóricos dão suporte às ações educativas, entretanto o foco principal está na prática, nas relações com diferentes materiais que estimulam os processos criativos, o olhar crítico e a ação dos educandos no mundo. O antropólogo Tim Ingold nos auxilia na reflexão sobre esse processo:

Utilizando um quadrado de papel, vareta de bambu, fita, durex, cola e corda, é fácil fazer uma pipa. Fizemo-la num ambiente fechado, trabalhando sobre mesas. Para todos os propósitos, parecia que estávamos montando um objeto, mas quando levamos nossas criações para fora, tudo mudou. Elas de repente passaram à ação, rodopiando, girando, mergulhando de cabeça, e – apenas ocasionalmente – voando (...). A pipa que repousava sem vida sobre a mesa dentro da sala de aula tinha se transformado numa pipa-no-ar. Não era mais um objeto – se é que jamais o foi – mas uma coisa (...) é através de uma imersão nessas circulações, portanto, que as coisas são trazidas a vida (INGOLD, 2007, p.32).

Hoje, após várias pesquisas, estudos, práticas e experiências, consigo visualizar relações entre o artesanato, a reutilização de materiais e a produção de arte contemporânea. A proposta de relacionar linguagens e superar limites entre diferentes áreas gera um campo no qual as práticas de arte trazem aos educandos a possibilidade de transformação, tornando-os sujeitos críticos e criativos no mundo e para o mundo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de, 1893-1945 – **O baile das quatro artes**. - 3.ed. São Paulo, Martins; Brasília, INL, 1975.

ANTEZANA, Sofia L. V./GOLÇALVES, Keila A. - **Arte Contemporânea e Artesanato no Instituto Cultural Inhotim**: construindo uma relação a partir dos princípios da nova Museologia Social. Disponível em: http://www.observatoriodadiversidade.org.br/revista/edicao_001/Revista-ODC-001-01.pdf. Acesso em março/2019.

ARTNETNEWS – Artist Chiharu Shiota Explains Why She Turned the Bible Into a Spidery Maelstrom in Berlin’s Oldest Church – It’s a work of biblical proportions. Hili Person, out. 2017 - <https://news.artnet.com/art-world/chiharu-shiota-1105391>. Acesso em out. 2019.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil: Realidade hoje expectativas futuras**. In: Estudos Avançados. Banco de Textos do Projeto Arte na Escola n. 006, 1993.

BLOG CONEXÃO PLANETA – Inspiração para ação – Disponível em: <http://conexaoplaneta.com.br/blog/efigenia-rolim-a-rainha-do-papel-de-bala-esta-precisando-de-ajuda/> Acesso março/2019

CIBP – **Centro de Ilustração Botânica do Paraná** – Disponível em: <http://www.cibp.com.br/> Acesso em maio/2019.

DEWEY, John. Cap. Ter uma Experiência. In: **Arte como Experiência**. Trad.: RIBEIRO, Vera. Martins Fontes, 2010. p. 109-141.

DICIO – dicionário Online de Português – Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cacarecos/> Acesso em julho/2019.

EDUCA BRASIL – **EJA Educação para Jovens e Adultos** – Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/tudo-sobre-eja-o-que-e-e-como-funciona> Acesso em maio/2019.

FERRARI, Solange dos Santos Utuari – **Encontros com a arte e cultura** – 1. Ed. – São Paulo: FTD, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Editora Paz e Terra, 2014.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

HISTÓRIA DA ARTE WEB. (s.d.). Fonte: **História da arte web**: Disponível em: <https://www.historiadaarteweb.com/arte-brasileira/arte-popular> Acesso em set/2019.

HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS - **Trazendo As Coisas De Volta À Vida: Emaranhados Criativos Num Mundo De Materiais** - Tim Ingold - Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan. / jun. 2012.

LABAN, Rudolf – **Domínio do Movimento** – ed. Organizada por Liza Ullmann; tradução: Ana Maria Barros De Vecchi e Maria Silva Mourão Netto; revisão técnica: Ana Maria Barro De Vecchia. – São Paulo: Summus, 1978.

MORIN, Edgar - **OS SETE SABERES NECESSÁRIOS À EDUCAÇÃO DO FUTURO** 3a. ed. - São Paulo - Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

VYGOTSKY, Lev. S. **Aprendizagem e desenvolvimento na Idade Escolar**. In: Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. Vygotsky, L. Luria, A. Leontiev, A.N. 11ª. Edição. São Paulo: Ícone, 2010, p. 103-116.

PAPIETAGEM – Disponível em: <http://artesanatobrasil.net/papietagem/> Acesso em junho/2017.

PIBID – Disponível em: <http://www.prograd.ufpr.br/portal/coafe/uaf/pibid/> Acesso em abril/2019.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Universidade Federal Do Paraná, Setor Litoral.

RENGEL, Lenira. **Dicionário Laban**. São Paulo: Annablume, 2003.

ROMÃO, José Eustáquio e outros. **Círculo Epistemológico: Círculo de Cultura como Metodologia de Pesquisa**. In: Educação e Linguagem: Globalização. Número 13, São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do Mundo**. São Paulo, Unesp, 1997.

SITE A TERA AMBIENTAL. **Você sabe a diferença entre reciclar e reutilizar?** Disponível em: <http://www.teraambiental.com.br/blog-da-tera-ambiental/voce-sabe-qual-a-diferenca-entre-reciclar-e-reutilizar>. Acesso em abril/2017.

SITE CHIHARU SHIOTA - <https://www.chiharu-shiota.com/letters-of-thanks-33>. Acesso em out. 2019.

SOARES, Joana Bruno; LOPES, Anabela; BARBOSA, Manuel Pereira. Tatuagens temporárias: Inofensivas? Rev. Port. Imunoalergologia, Lisboa, v. 22, n. 3, p. 227-229, set. 2014. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-97212014000300006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 11 ago. 2019.

VÁRIOS AUTORES - **Educação Ambiental**: dialogando com Paulo Freire / Carlos Frederico Bernardo Loureiro, Juliana Rezende Torres, (org.) – 1. Ed. – São Paulo: Cortez, 2014.

Secretaria da educação do Paraná. Disponível em: <http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=267#Obras%20de%20Efig%C3%AAnia%20Rolim> Acesso em abril/19.

UFPR – Setor Litoral - **ICH** – Disponível em: <http://www.litoral.ufpr.br/portal/ufpr-litoral/projetos/interacoes-culturais-e-humanisticas-ich/> Acesso em abril/19.

_____ - **Educação por Projetos** – Disponível em: <http://www.litoral.ufpr.br/portal/ufpr-litoral/projetos/> Acesso em abril/19.